

TECNOLOGIAS E ESTÉTICAS DA COMUNICAÇÃO NO BRASIL



MARCELO PEREIRA DA SILVA
(ORGANIZADOR)

TECNOLOGIAS E ESTÉTICAS DA COMUNICAÇÃO NO BRASIL



MARCELO PEREIRA DA SILVA
(ORGANIZADOR)

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Lorena Prestes

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof^a Dr^a Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof^a Dr^a Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof. Me. Heriberto Silva Nunes Bezerra – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Profª Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
T255	<p>Tecnologias e estéticas da comunicação no Brasil [recurso eletrônico] / Organizador Marcelo Pereira da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-010-0 DOI 10.22533/at.ed.100201504</p> <p>1. Comunicação social – Pesquisa – Brasil. 3. Tecnologia da informação. I. Silva, Marcelo Pereira da.</p> <p style="text-align: right;">CDD 303.48</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

As tecnologias e técnicas ligadas à informação e à comunicação inauguraram mundos, linguagens e suportes nunca antes vistos na história da humanidade: Pela quantidade de dados e conexões produzidos e disseminados nas/pelas redes/mídias digitais, mas, sobretudo, pelas oportunidades decorrentes deste complexo universo. Oportunidades investidas de desafios: o sociotecnicismo abriu as portas de uma galáxia pletórica de ambivalências: a estética suplanta a ética e hipervaloriza a cosmética.

No interior desta realidade, pensar a comunicação mediada pelas tecnologias e suas estéticas torna-se fundamental para avançar o debate acerca das possibilidades que esse cenário fomenta, colocando na ribalta questões como: diálogo, interculturalidade, crises migratórias, jornalismo, redes da Internet, dialogia, dignidade humana e fenômenos emocionais, questões sobre as quais pesquisadores do Brasil e de outros países jogaram luz nesta obra, composta de 8 artigos de elevado valor para a compreensão das aporias e dilemas da sociedade contemporânea.

Intitulado “Tecnologias e estéticas da comunicação no Brasil”, este e-book coloca em relevo o lugar ocupado pelas linguagens, sujeitos, materialidades, partilhas, conversações, etc. no bojo dos processos frenéticos de mediatização, abarcando fenômenos sociais que envolvem dimensões comunicativas, estéticas, estratégicas, educativas, éticas, sociais, culturais e identitárias ligadas à estetização e à tecnologização do mundo.

MARCELO PEREIRA DA SILVA

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
COMUNICACIÓN COMO DIÁLOGO E INTERCULTURALIDAD	
Irving Samadhi Aguilar Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.1002015041	
CAPÍTULO 2	14
O LUGAR DAS RELAÇÕES PÚBLICAS NOS ESTUDOS CONTEMPORÂNEOS DA COMUNICAÇÃO: REVISÃO LITERÁRIA DO CENÁRIO PAULISTA (2008-2012)	
Jéssica de Cássia Rossi	
Marcelo Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1002015042	
CAPÍTULO 3	29
MEDIA COVERAGE OF THE MIGRATORY CRISIS IN SWEDEN: A REVEALING OF THE GROWING POLARIZATION BETWEEN TRADITIONAL MEDIA AND ANTISYSTEM MEDIA?	
Renaud de la Brosse	
Gabriella Thinsz	
DOI 10.22533/at.ed.1002015043	
CAPÍTULO 4	40
JORNALISMO E ENTRETENIMENTO NAS REDES SOCIAIS NA INTERNET: UMA UNIÃO POSSÍVEL?	
Pedro Augusto FARNESE de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.1002015044	
CAPÍTULO 5	54
EAM – ESPELHO DE AVALIAÇÃO DE MARCAS: DESENVOLVIMENTO DE METODOLOGIA PARA A LINHA DE BRANDING – ANÁLISE DE MARCA DO PROJETO DE GRADUAÇÃO UNICURITIBA	
Fabiano Christian Pucci do Nascimento	
Mariana Santos Chaves	
DOI 10.22533/at.ed.1002015045	
CAPÍTULO 6	68
DIALOGIA COMO RESTAURADORA DA DIGNIDADE	
Hanna Suanne de Oliveira Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1002015046	
CAPÍTULO 7	78
OS FENÔMENOS EMOCIONAIS ENVOLVIDOS NO ENSINO/APRENDIZAGEM DE UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA DIANTE DE TAREFAS COMUNICATIVAS	
Jhuly Nolasco Madruga	
DOI 10.22533/at.ed.1002015047	
CAPÍTULO 8	83
SUSTENTABILIDADE EMPRESARIAL SOB AS LENTES DA PROPAGANDA INSTITUCIONAL: ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DISCURSIVA EM PEÇAS PUBLICITÁRIAS	
Marta Cardoso de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.1002015048	

SOBRE O ORGANIZADOR.....	95
ÍNDICE REMISSO.....	96

O LUGAR DAS RELAÇÕES PÚBLICAS NOS ESTUDOS CONTEMPORÂNEOS DA COMUNICAÇÃO: REVISÃO LITERÁRIA DO CENÁRIO PAULISTA (2008-2012)

Data de aceite: 08/04/2020

Jéssica de Cássia Rossi

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Docente dos cursos de comunicação do Centro Universitário Sagrado Coração e Faculdade Eduvale.

Marcelo Pereira da Silva

Pós-Doutor em Comunicação. Docente do Mestrado Interdisciplinar em “Linguagens, Mídia e Arte” da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

RESUMO: Levamos a cabo uma revisão literária por meio de uma pesquisa bibliográfica parcial da área de Relações Públicas de 2008 a 2012, a fim de identificar as reflexões científicas que sustentam o surgimento de um “novo” paradigma no cenário paulista. Inicialmente, apresentamos como surgiram os primeiros pensamentos científicos em comunicação, os quais estão ligados a diversas Teorias que tentam explicar o surgimento e a edificação da comunicação de massa. Em seguida, mostramos em que ponto dos estudos comunicacionais se iniciou o pensamento científico em Relações Públicas, trazendo à baila seu desenvolvimento nos Estados Unidos,

sua chegada ao Brasil e os contornos próprios que a área ganhou em território nacional, assim como a situação na qual se encontra.

PALAVRAS-CHAVE: Teorias da Comunicação. Relações Públicas. Revisão Literária. Cenário Paulista. Estratégia.

ABSTRACT: We intend to conduct a literature review in Public Relations from 2008 to 2012 in order to identify the scientific considerations that support the emergence of a “new” paradigm scene in São Paulo. Therefore, originally, we present how the first scientific thoughts arose in communication, which are linked to the various Communication Theories that attempt to explain the emergence and building of mass communication. Then, we show in which point the communication studies began scientific thinking in Public Relations, bringing up its birth and development in the United States of America (USA), its arrival in Brazil and the contours themselves that the area earned in the national territory as well as the situation in which it is today. We conduct a literature search and focus our analysis on authors that we believe

they sustain this supposed “new” paradigm of Public Relations trampled on a strategic vision in São Paulo scene, namely: Cesca (2008), Ferrari e França (2009), Farias (2011) e Schmidt (2011).

KEYWORDS: Communication Theories. Public Relations. Literature Review. São Paulo Scene. Strategy.

INTRODUÇÃO

O pensamento científico na área da comunicação existe há mais de um século; O fenômeno social que desencadeou esses estudos foi o surgimento dos meios de comunicação de massa entre o século XIX e o século XX, os quais potencializaram a disseminação de mais informações para a opinião pública, que passou a ter uma maior sensibilidade da realidade social existente. Por isso, a opinião pública passou a exigir uma postura mais ética e consciente das organizações. É nesse contexto que surgem as Relações Públicas nas organizações e as primeiras reflexões sobre a profissão nos Estados Unidos da América (EUA). Desde seu surgimento nos EUA, no início do século XX, até chegarmos ao cenário contemporâneo brasileiro, a profissão e o pensamento científico da área de Relações Públicas passaram por diversos avanços e desafios. No Brasil, por muito tempo a área de Relações Públicas não teve a sua real natureza política de atuação junto às organizações nem a opinião pública a reconhecendo. Houve distorções que deram à atividade um caráter persuasivo que afastaram seu ensino acadêmico das exigências do mercado. Frente a isso, vemos surgir um “novo” paradigma no pensamento científico da área, que anela fazer essa reconciliação, ao relacionar a atividade de Relações Públicas com o conceito de planejamento, relacionamento e estratégia.

Tendo isso em vista, o objetivo do presente artigo é levar a efeito uma revisão literária da área de Relações Públicas entre os anos de 2008-2011, a fim de identificar as reflexões científicas que sustentam o surgimento de um “novo” paradigma nessa área no cenário paulista. Destarte, apresentamos como emergiram os primeiros pensamentos científicos em comunicação, os quais estão ligados às diversas Teorias da Comunicação, que tentam explicar a edificação da comunicação de massa; em outro momento, mostramos em que ponto dos estudos comunicacionais se iniciou o pensamento científico acerca das Relações Públicas, apontando seu nascimento e desenvolvimento nos EUA e sua chegada ao Brasil. Ademais, apresentamos os contornos próprios que a área de Relações Públicas ganhou em território nacional e em que situação ela encontra-se hoje.

Isso posto, indicamos a metodologia utilizada em nosso artigo, que é a Pesquisa Bibliográfica. Evidenciamos quais são suas propriedades e como a usamos em nossa revisão literária no período de 2008 a 2011. Após isso, realizamos nossa análise em autores que acreditamos sustentarem esse “novo” paradigma na área de Relações

Públicas, que são: Cesca (2008), Ferrari e França (2009), Farias (2011) e Schmidt (2012), tecendo algumas comparações entre o pensamento desses autores o que tange à pragmática e à teoria.

1 | REFLEXÕES CIENTÍFICAS ACERCA DA COMUNICAÇÃO DE MASSA E DAS RELAÇÕES PÚBLICAS

A ciência passou a ver a área de comunicação como um objeto de estudo entre o final do século XIX e o início do século XX. Este interesse ocorreu devido ao crescimento da comunicação de massa. Nesse contexto, alguns meios de comunicação passaram a fazer parte da vida de muitas pessoas, por isso, surgiram algumas Teorias da Comunicação que tentavam explicar essa forma de comunicação e sua influência. Nesta modalidade comunicacional, a interação entre indivíduos ocorre a partir de um ou alguns emissores que enviam a mensagem para muitos receptores, ao mesmo tempo, em diferentes lugares.

Segundo Wolf (1992), as primeiras Teorias da Comunicação se concentram entre duas tradições de pesquisa contraditórias que são: a *Communication Research* e a *Teoria Crítica*. A primeira é composta por algumas abordagens teóricas, as quais acreditam que os meios de comunicação de massa podem ajudar no desenvolvimento da sociedade. É uma tradição que surgiu nos EUA na primeira metade do século XX. Já a segunda tradição abrange somente a *Teoria Crítica*, a qual se propõe como uma “teoria da sociedade” e que vê os meios de comunicação de massa como mecanismos do capitalismo que alienam as pessoas. É uma tradição de pesquisa elaborada por teóricos da *Escola de Frankfurt*, inicialmente na Alemanha e depois nos EUA, durante os anos 1930 e 1940.

Tais tradições de pesquisa dominaram os estudos sobre a comunicação de massa por algumas décadas do século XX. O pensamento acerca da comunicação de massa se concentrou em uma contradição, a qual se resume em uma posição favorável ou desfavorável em relação aos meios de comunicação de massa para o desenvolvimento da sociedade da época. Durante esse período, conforme pondera Wolf (2009), essas tradições de pesquisa apenas se criticavam, e por isso, os estudos comunicacionais não avançaram.

A superação dessa contradição parece ter ocorrido, ainda de acordo com Wolf (2009), com abordagens teóricas como a *Teoria Culturológica* e o *Cultural Studies*. Elas recorreram a fundamentos antropológicos para explicar os fenômenos culturais em que as novas formas de comunicação ocorriam. Entretanto, havia uma diferença de abordagem entre elas: a *Teoria Culturológica*, que surgiu na França, nos anos 1960, fazia o estudo apenas da cultura de massa, enquanto o *Cultural Studies*, a qual surgiu na Inglaterra entre as décadas 1950 e 1960, enfocavam todas as formas de cultura existentes. Embora essas teorias tenham representado alguns avanços para

as reflexões científicas sobre comunicação, elas foram superadas por outras teorias mais abrangentes como: *Agenda Setting*, *Newsmaking* e *Escola Latino Americana de Comunicação*.

Podemos dizer que tais teorias foram fundamentais para a edificação e legitimação de uma forma peculiar de pensarmos a comunicação, o homem e o mundo, ainda que sob a égide de uma forma de ver calcada nos estudos estadunidenses acerca da mídia, cultura e de formas de comunicação outras, que não as mediadas pelos grandes veículos de comunicação, digamos, pelos *Mass Media*. Aqui, destacamos algumas das teorias mais relevantes para a construção de novas visões, as quais promovem uma compreensão da influência da mídia, estimulando reflexões, e talvez, formas de nos revermos como sujeitos participantes de tais processos midiáticos e culturais, a saber:

1. *Newsmaking*: é uma das teorias consideradas por Wolf (2009) como parte dos *estudos dos efeitos a longo prazo*, entendendo que a mídia possui uma função de construtora da realidade, por meio dos sujeitos que operam e participam do processo evenemencial de transposição do acontecimento na notícia dentro de uma máquina midiática.

O *newsmaking* é o estudo da forma como são produzidas as notícias e intenta analisar os caminhos e as normativas que os meios de comunicação utilizam para contar um determinado acontecimento. Quando se compreende como uma estória¹ foi contada, temos alguns sentidos que foram indicados para que o leitor tenha uma noção de como aquela mensagem deveria ser entendida.

2. *Agenda setting*: Esta linha de pesquisa propõe uma nova etapa de investigação sobre os efeitos da comunicação de massa a longo prazo. Justamente nos anos 1970, dentro do contexto dos estudos sobre os efeitos dos meios de comunicação sobre a sociedade, emerge a investigação da hipótese da *agenda setting*; Consideram-se, nesta teoria, alguns conceitos a respeito do poder que o jornalismo [e também a mídia] exerce sobre a opinião pública. Este conceito remete à hipótese da *agenda setting*, que é uma espécie de efeito social da mídia, segundo a qual, a mídia, pela seleção, disposição e incidência de suas notícias, vem determinar os temas sobre os quais o público poderá falar, pensar e discutir na cotidianidade.

A essência do conceito não está muito longe da realidade, já que se tem, amiúde, uma aluvião de informações que são selecionadas e dispostas de modo que algumas notícias recebam uma ênfase maior, como é o caso das notícias que ganham espaço nas capas dos jornais, revistas, nos rádio-jornais e telejornais que vemos, diariamente, na imprensa brasileira e internacional.

Pesquisadores como Maxwell McCombs e Donald Shaw, citados por Wolf (2009)

¹ O termo estória é usado neste artigo para mostrar que uma notícia é uma narrativa da narrativa, já que comporta a noção de que um produto midiático está investido de várias vozes sociais que o tornam, discursivamente falando, verossímeis.

- pioneiros na apresentação da hipótese do agendamento - ao tratarem deste tema, corroboram a ideia de que a mídia tem a capacidade de influenciar a projeção dos acontecimentos na opinião pública, estabelecendo um falso ambiente, fabricado e montado pelos meios de comunicação.

Os *mass media* centram a atenção em certas questões e constroem imagens públicas de figuras políticas – de outras importantes no cenário econômico, social, esportivo, internacional – apresentando, constantemente, objetos que sugerem em que devemos pensar, a respeito do que devemos saber e como sentir/reagir ao mundo im-posto pelos *Media*.

Todas estas investigações já identificavam a coincidência dos temas da mídia e das conversas interpessoais, mas não os conceitualizavam como *agenda setting*. Muito antes de se ter o conceito de *agenda setting*, a imprensa já exercia seu papel de “estruturadora” de percepções e cognições a respeito dos acontecimentos da realidade social. Nos dias atuais, a mídia também desempenha este papel, como por exemplo, em coberturas de eleições ou em fatos insólitos, construindo enquadramentos (*frames*) do assunto, segundo os efeitos de sentido que pretende engendrar para/no sujeito-enunciário e as forças que atuam decisivamente para levar a uma angulação e não outra.

Essas questões a respeito da opinião pública tornam-se relevantes para a construção das reflexões científicas acerca das Relações Públicas, pois na esteira de Hohlfeldt (2011), acreditamos que a preocupação com as trocas entre os seres humanos, o diálogo e o saber ouvir, aliado aos efeitos de determinados conteúdos produzidos nesta sociedade complexa na qual estamos insertos, emerge a importância de diferentes atividades que se ocupam de tais temáticas, dentre as quais se destacam as Relações Públicas.

1.1 Da comunicação de massa às Relações Públicas

O surgimento dos meios de comunicação de massa potencializou o desenvolvimento da opinião pública, principalmente nos EUA. Eles passaram a informar as pessoas sobre os principais acontecimentos, o que pode ter levado a uma maior conscientização das pessoas sobre a política, a cultura e a sociedade, mas também em relação à atuação das organizações.

No final do século XIX nos EUA, houve uma ampla ascensão de muitas grandes empresas, as quais exerciam monopólio em áreas essenciais da sociedade americana. Embora elas exercessem funções sociais importantes, muitas delas não se importavam com a opinião pública. Devido a isso, algumas empresas, como a *New York Central Railroad* - cujo proprietário era *William H. Vanderbilt* - passaram a ter problemas com a opinião pública.

A atividade de Relações Públicas nasceu neste contexto a fim de gerenciar o relacionamento das organizações com a opinião pública. O responsável por esse

momento foi o jornalista e publicitário, *Ivy Lee*, o qual a partir de 1906 abriu um escritório em *New York* para oferecer serviços de Relações Públicas a grandes empresários como *William H. Vanderbilt*. *Ivy Lee* escrevia, segundo Gurgel (1985, p.10 apud PINHO, 2011, p.1), “[...] artigos para jornais, como ‘*press agent*’ (agente de imprensa), sugerindo um tipo de atividade para relacionamento das instituições com seus públicos”.

Por meio desta função, *Ivy Lee* prestou serviços a grandes empresários americanos, os quais tiveram que enfrentar uma grande quantidade de críticas da imprensa americana. Foi um período em que os jornais e revistas americanas divulgaram diversos escândalos, envolvendo tanto o setor privado como o setor público. Nesse contexto, *Lee* respondeu a essas críticas às organizações americanas com a máxima “O público deve ser informado”. Dessa maneira, fundou, de acordo com Pinho (2011, p.1), “[...] um verdadeiro paradigma da atividade de RP [Relações Públicas]”, a qual foi fundamentada em sua “Declaração de Princípios” norteadores de suas práticas.

Por conseguinte, *Lee* mostrou que as ações de Relações Públicas têm por objetivo gerenciar os interesses da organização com seus públicos; nesse contexto, verificamos a natureza política desta função, a qual não é um desdobramento da publicidade e propaganda, senão, conforme defende Pinho (2011, p.1) “[...] uma nova e específica atividade profissional”. Foi nesse contexto que emergiram as primeiras reflexões científicas na área de Relações Públicas, demonstrando quais são os princípios éticos da profissão e sua função social. Apesar disso, ela tinha muitos desafios no devir, até ser reconhecida socialmente e entrar no domínio científico.

Mais tarde, entre as décadas de 1920 e 1930 nos EUA, um novo fato contribuiu para o aprofundamento das reflexões sobre as Relações Públicas; Além do setor privado, essa atividade passou a ser exercida também no setor público. Isso ocorreu no contexto de “quebra” da Bolsa de Valores de *New York* em 1929, a qual deixou muitos trabalhadores desempregados. Tal situação levou a opinião pública a pressionar o governo americano na gestão *Roosevelt*, o qual adotou uma série de medidas para diminuir os problemas sociais da crise econômica. *Roosevelt* passou a informar a opinião pública sobre tudo o que estava acontecendo, procurando estabelecer um profícuo diálogo com a sociedade americana.

É nesse ponto que vemos a introdução das ações de Relações Públicas no âmbito público, em um período em que, para Pinho (2011, p.1), “[...] o relacionamento, participação e diálogo, com diferentes setores da sociedade americana [...]” tornou-se essencial, graças à sua articulação, participação e capacidade de se expressar via meios de comunicação de massa. O período em questão ficou conhecido, ainda de acordo com Pinho, como de “grande revolução das Relações Públicas”².

Enquanto isso no Brasil, na década de 1930, houve o surgimento da atividade de Relações Públicas no setor público durante o governo Getúlio Vargas. Diferentemente dos EUA - onde a profissão de Relações Públicas surgiu voltada para a opinião pública

² Nesta época, foi lançado o primeiro livro de Relações Públicas governamentais, intitulado *Public Administration and the Public Interest*, de autoria de *Pendleton Herring*. (PINHO, 2011).

- no Brasil, seu aparecimento ocorreu de forma persuasiva, com serviços voltados apenas para a informação, divulgação e publicidade dos serviços públicos, ou seja, propaganda governamental³. Isso influenciou a forma como a função se desenvolveu no país, o que lhe deixou de herança um potencial de desenvolvimento limitado.

Embora a área de Relações Públicas tenha surgido no Brasil durante a ditadura de Getúlio Vargas, encontramos a instalação do primeiro departamento de Relações Públicas no país, na empresa multinacional *Light* (PERUZZO, 1986, p.24). O primeiro departamento de Relações Públicas em uma empresa nacional surgiu somente em 1951 na Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Na década de 1950, temos também o surgimento: da primeira empresa de Relações Públicas, a Companhia Nacional de Relações Públicas; da primeira disciplina sobre Relações Públicas na Escola Superior de Administração e Negócios, da Fundação de Ciências Aplicadas, e depois do primeiro curso regular da área, promovido pela Fundação Getúlio Vargas; e da primeira associação de Relações Públicas, a Associação Nacional de Relações Públicas (ABRP) (KUNSCH, 1997, p.20-21); (FERNANDES, 2011, p.41).

Na década de 1960, o pensamento científico em Relações Públicas no Brasil deu os seus primeiros passos com o lançamento do primeiro livro, intitulado *Para entender Relações Públicas*, sob autoria de Cândido Teobaldo. A proposta do livro, segundo Fortes (2009, p.113) foi mostrar que as ações de Relações Públicas já existiam em outros países e que já tinha uma estrutura de conhecimentos erigida. Ainda na mesma década, houve outros eventos importantes para a constituição da área de Relações Públicas como saber científico, a saber: 1) a realização do IV Congresso Mundial de Relações Públicas no Rio de Janeiro, que determinou as funções da profissão; 2) a regulamentação da profissão pela lei nº 5.377, em 1967, para pessoas graduadas em Relações Públicas; 3) e a criação do primeiro curso superior de Relações Públicas pela Escola de Comunicação e Artes (ECA), da Universidade de São Paulo (USP) (KUNSCH, 2006, p.43-47).

Nos anos 1970, temos a continuação do desenvolvimento da atividade de Relações Públicas, tanto em nível acadêmico como no nível mercadológico. No primeiro, o desenvolvimento do pensamento científico das Relações Públicas aconteceu, segundo Silva (2001, p.72), “[...] com base nos moldes dos cursos de jornalismo, isso porque as universidades iniciam sua fase de estrutura para os cursos de relações públicas”. Nessa época, a área de Relações Públicas ainda dependia de outras áreas da comunicação como o jornalismo.

No segundo, temos a regulamentação da profissão por meio do Decreto nº 5.377 de 4 de maio de 1972, o qual possibilitou a criação do Conselho Regional de Profissionais de Relações Públicas (CONRERP) e o aumento de profissionais da área no setor

3 A diferença de contexto sócio-histórico entre os dois países é que determinou essa diferença: nos EUA, a atividade de Relações Públicas se voltou para as práticas democráticas, enquanto que no Brasil, ela se voltou para persuadir a sociedade brasileira a favor da ditadura de Getúlio Vargas.

4 Um modelo muito semelhante ao que até hoje é estudado e desenvolvido pela “Escola Europeia de Relações Públicas”.

público, que foram responsáveis por atividades como eventos, cerimonial, redação de discursos⁴, etc. Tais avanços e desafios ocorreram no contexto da ditadura militar, instaurada em 1964, cuja vigência permeou toda a década de 1970. Esse regime político, para Fernandes (2011, p.43), “[...] influenciou diretamente a prática de relações públicas [...]” no país. Isso porque o regime militar proporcionou o desenvolvimento econômico do Brasil, e dessa maneira, foram feitos diversos investimentos em comunicação, e mais especificamente em Relações Públicas. Entretanto, autores como Kunsch (1997 apud FERNANDES, 2011, p.43) não acreditam que essa situação tenha trazido algum benefício para a área, pois as práticas de comunicação promovidas pelos militares, por meio da Agência de Especial de Relações Públicas (AERP), eram persuasivas, de natureza semelhante à realizada durante a ditadura da Getúlio Vargas.

Frente ao cenário dos anos 1970, a década de 1980 nos apresentou a função de Relações Públicas seguindo o seu próprio caminho. Isso foi possível devido a três fatores: “[...] as transformações econômicas, a abertura política e por último, o desenvolvimento da produção científica [...]” (FERNANDES, 2011, p.44). A formação de professores e pesquisadores na área, principalmente graças ao surgimento de novos cursos de pós-graduação, possibilitou o desenvolvimento de pesquisas que passaram a sustentar o conhecimento científico na área de Relações Públicas.

A partir desse momento, vemos surgir uma rede de conhecimentos que passaram a suportar algumas reflexões científicas acerca das Relações Públicas no Brasil. Além disso, nessa mesma década, tivemos um considerável crescimento de oportunidades de emprego para os profissionais de Relações Públicas, tanto em empresas como e em agências de comunicação. Contudo, o caráter persuasivo dado à atividade durante a ditadura militar, apresentou seus reflexos no exercício da profissão durante os anos 1980. No período de redemocratização política do país, as Relações Públicas tiveram sua atuação de gerenciamento dos relacionamentos organizacionais questionadas por esse caráter persuasivo. Isso demonstra a manutenção do distanciamento das ações de Relações Públicas da sua verdadeira natureza política, ligada ao surgimento da profissão no contexto americano do início do século XX.

Em virtude dos impasses enfrentados pelo campo das Relações Públicas no Brasil nas décadas anteriores, nos anos 1990 vemos o lançamento de dois movimentos importantes que passaram a refletir sobre a atividade no país e que exigiram um posicionamento dos profissionais de Relações Públicas a respeito: o movimento de “desregulamentação”⁵ da atividade e o lançamento do Parlamento Nacional de Relações Públicas. O primeiro movimento possibilitou o desenvolvimento do segundo, ambos tiveram o objetivo de discutir a modernização da área de Relações Públicas no Brasil a fim de compatibilizá-la ao novo contexto de globalização no país (FERNANDES,

⁵ O movimento de “desregulamentação” da profissão reivindicou, segundo Fernandes (2011, p.45), “[...] [a] recuperação do conceito e de mercado [...]”, mas, ao fazer isso, denominou equivocadamente o acontecimento de “desregulamentação”, quando, na realidade, seus propósitos eram outros.

2011). Foi esse cenário também que potencializou a chegada de novas empresas globais ao Brasil e o aumento da demanda por serviços de comunicação; Isso levou a uma maior especialização dos profissionais de Relações Públicas para atender às novas necessidades do mercado global.

No final do século XX, a economia global e as novas tecnologias potencializaram um aumento no fluxo de informação organizacional e desenvolveram novas formas de comunicação eletrônica, a qual abriu um novo segmento de atuação aos profissionais de Relações Públicas. Ademais, muitas empresas diminuíram suas equipes internas de comunicação e passaram a buscar agentes externos para o desenvolvimento de serviços dessa natureza, possibilitando que novas agências especializadas na área surgissem, primeiramente para oferecer serviços de assessoria de imprensa e em um segundo momento, para prestar serviços de comunicação em geral.

Entretanto, no limiar de um século e no início do outro, houve um desafio, o qual perdura até hoje: a falta de conexão entre a área acadêmica e o mercado profissional de Relações Públicas no Brasil. Enquanto a universidade segue uma vertente humanista-administrativa, o mercado se apoia na escola americana. Há um direcionamento diferente, que provoca um distanciamento entre os conteúdos teóricos ministrados em aula com as demandas prático-empíricas do mercado. Tal situação leva os estudantes da área a se submeterem, conforme Fernandes (2011, p.47) “[...] ao imperialismo do mercado, abandonando os princípios e fundamentos aprendidos na universidade, recomeçam o aprendizado submetendo-se às regras e práticas imposta por ele”.

Frente a um cenário de demanda por serviços mais completos e fundamentados de Relações Públicas e à necessidade do pensamento científico na área se aproximar de tais necessidades práticas, vemos surgir um “novo” paradigma de pensamento em Relações Públicas, que enseja atender a essas necessidades. É uma corrente de pensamento científico que reflete sobre a atuação de Relações Públicas de forma planejada e estratégica, ou seja, é uma área que mostra a importância de orientar a atividade de Relações Públicas por objetivos e resultados no universo institucional, no seio de um posicionamento que aponta a importância do gerenciamento das relações organizacionais de forma política e não de maneira persuasiva, como a natureza daquela atividade que surgiu no país e a qual permaneceu por muito tempo associada.

2 | METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO: A PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Para a realização deste artigo utilizamos como caminho para chegar a alguns olhares acerca do pensamento das Relações Públicas no estado de São Paulo, a Pesquisa Bibliográfica, haja vista que:

[...] trata-se do levantamento de toda a bibliografia já publicada em forma de livros, revistas, publicações avulsas em imprensa escrita. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto, com o objetivo de permitir ao cientista o reforço paralelo na análise de suas

Acreditamos que esta metodologia nos dá condições de desenvolver um raciocínio capaz de posicionar, historicamente, os autores que tem marcado a produção literária de Relações Públicas e pode trazer no seu bojo, algumas das reflexões que tem tentado localizar tal atividade no escopo das teorias da comunicação e da comunicação organizacional, ambas de complexidade imanente por tratar de indivíduos e de uma dinâmica que envolve tanto aspectos internos como externos, no que tange ao ambiente social e individual: a comunicação intrapessoal, interpessoal e mediada.

Para tanto, selecionamos cinco autores que publicaram livros ou capítulos de livros no período que abrange os anos de 2008-2009-2010 e 2011 no Estado de São Paulo, a fim de identificarmos se suas reflexões sustentam o suporte nascimento de um “novo” paradigma científico na área de Relações Públicas, a saber: Cesca (2008), Ferrari e França (2009), Farias (2011) e Schmidt (2011).

3 | A PERSPECTIVA ESTRATÉGICA DAS RELAÇÕES PÚBLICAS NOS ESTUDOS DA COMUNICAÇÃO: UMA REVISÃO LITERÁRIA DO CENÁRIO PAULISTA

Atualmente, vivemos em um cenário em que a área de Relações Públicas vem ganhando novos significados no Brasil, que exige adaptação às exigências que a sociedade global impõe às organizações e suas formas de relacionamento. Observamos que a atividade de Relações Públicas:

[...] voltam-se a inserir-se no cerne das grandes questões contemporâneas. Fala-se de uma revivência da profissão a partir dos movimentos sociais de demanda especializada, tão bem representados pelas ONG's [Organizações Não-governamentais] e demais grupos e associações pertencentes à sociedade civil. (PINHO, 2011, p.1).

Percebemos a existência de vários fatores que influenciam na transformação da atividade de Relações Públicas, tais como o processo de globalização, a redemocratização política e o fortalecimento da sociedade civil e suas instituições no país. São fatores que exigem uma atuação mais qualificada e competente das organizações, as quais precisam adequar seus processos comunicacionais para atender a todas as demandas de seus públicos.

Diante disso, o pensamento científico em Relações Públicas vem acompanhando a valorização da área ao apresentar um “novo” paradigma, o qual busca aproximar o ensino acadêmico de Relações Públicas com as exigências do mercado profissional. Esse “novo” paradigma, conforme verificamos anteriormente, relaciona a atuação profissional de Relações Públicas de forma planejada e estratégica.

Em várias partes do Brasil, temos visto a produção de reflexões a respeito, mas esse movimento nos parece ser mais intenso no Estado de São Paulo – quiçá pela

presença das mais influentes escolas de comunicação e relações públicas do país no Estado - por isso, no presente artigo, fizemos uma revisão literária de autores da área de Relações Públicas no cenário paulista, que tem nos apresentado um enfoque estratégico nos últimos anos. Conforme evidenciamos na apresentação de nossa metodologia, nossa revisão literária abrange livros da área de Relações Públicas publicados entre 2008 a 2011⁶.

Tendo isso em vista, nos próximos parágrafos, apresentamos as reflexões de cinco autores paulistas que acreditamos serem representantes do “novo” paradigma acerca da função de Relações Públicas em quatro livros ou capítulos da área⁷. Esses autores são: Cesca (2008), Ferrari e França (2009), Farias (2011) e Schmidt (2011). A apresentação e discussão serão realizadas pela ordem cronológica das publicações e ao final, faremos uma comparação entre o pensamento dos autores em questão:

Cesca (2008): vemos que suas reflexões versam sobre a Organização de Eventos pelo profissional de Relações Públicas. Primeiramente, a autora contextualiza o cenário de valorização da atividade de Relações na atualidade ao defender que (CESCA, 2008, p.17): “[...] as transformações porque passam as organizações [...] tem revelado a importância da comunicação, e, nesse contexto, o papel das relações públicas tem sido ressaltado”. Em seguida, percebemos que a autora posiciona a atividade de organização de eventos dentro das cinco principais atividades da profissão de Relações Públicas que, segundo a mesma autora são: “[...] assessoria e consultoria; planejamento; execução e avaliação; [...]” (2008, p.17). Ao fazer isso, a autora mostra como se resume a função de Relações Públicas. Para ela, a organização de eventos se insere nesse complexo processo de ações da profissão de Relações Públicas, tanto que reserva um capítulo do seu livro para a discussão de como os eventos organizacionais devem ser planejados. Com isso, nos mostra que a execução de qualquer atividade de Relações Públicas se enquadra em um processo de comunicação planejado e estratégico.

Em Ferrari e França (2009) percebemos que há certa preocupação em desenvolver um pensamento que trate das vicissitudes das Relações Públicas dentro de uma perspectiva mais pragmática – digamos, americanizada - mas sem perder de vista a complexidade da atividade; a obra “Relações Públicas: Teoria, contexto e relacionamento” é um marco no escopo da atividade, já que mostra que na infância as organizações estavam focadas na publicidade e propaganda, na adolescência na assessoria de imprensa, e que ao atingirem a maturidade, percebem a fundamental

6 Procuramos trabalhar com alguns autores que não possuem a envergadura científica de Kunsch, já que ela tem seu nome consolidado nos estudos de Relações Públicas e Comunicação Organizacional.

7 Uma das referências consultadas é uma obra conjunta de Grunig, Ferrari e França (2009). Nela, apontamos somente os autores Ferrari e França por serem pesquisadores paulistas. Como Grunig é um pesquisador norte-americano, não apresentaremos seu nome em nossa revisão literária. Entretanto, queremos deixar claro que os dados bibliográficos do livro consultado constam em nossas referências com todos os dados, inclusive com o nome do autor James E. Grunig.

necessidade de trabalhar na perspectiva da cidadania corporativa, tendência e olhar das Relações públicas estratégicas no mundo coevo; tal obra traz alguns pilares que possibilitarão a legitimação da atividade em novas bases no Brasil: o despertar crônico das organizações no que se refere a suas responsabilidades públicas e o movimento que coloca o pensar institucional para além da comunicação mercadológica, promovendo, neste tempo de globalização, a atividade e profissão de relações públicas como a mais “adequada” às exigências de uma sociedade cada vez mais competitiva, líquida, efêmera e de relacionamentos conflituosos, outorgando-lhe um lugar de essencialidade no contexto da comunicação e da vida social.

Em Farias (2011) vemos uma análise profunda e específica sobre a área de Relações Públicas de modo planejado e estratégico. Isso fica claro na iniciativa do autor em organizar um livro com capítulos de diversos autores que tratam a atividade de Relações Públicas a partir desse prisma. Tanto que o nome do livro, “Relações Públicas Estratégicas” reflete exatamente essa iniciativa e, além disso, um capítulo desenvolvido pelo próprio Farias, denominado “Planejamento e estratégia: bases do trabalho em relações públicas”. Nele, o autor esclarece que o objetivo de suas reflexões é mostrar como o conceito de planejamento pode ser inserido no “[...] pensamento e [...] filosofia de relações públicas” (FARIAS, 2011, p.51). Vemos a concretização desse objetivo na obra do autor, quando ele explica a importância de se levar em conta a ideia de planejamento devido à “[...] necessidade de errar menos, de obter resultados superiores com diminuição de esforços, de garantir credibilidade para a manutenção de orçamentos. Planejar é potencializar resultados” (FARIAS, 2011, p.52). A explicação do conceito de planejamento pelo autor vai ainda mais longe, quando recorre a autores clássicos como Kunsch⁸ de Relações Públicas, e Oliveira⁹ da Administração. E ainda, quando valoriza o conceito de estratégia, ao dizer que se o termo for utilizado adequadamente pode ser “[...] o fiel da balança para a obtenção de resultados positivos” (FARIAS, 2011, p.52). A partir disso, observamos que a fundamentação das práticas de Relações Públicas em planejamento e estratégia volta-se para atender à necessidade de potencializar resultados às organizações atuais, as quais, cada vez mais, precisam enfrentar um cenário competitivo em que a excelência e a qualidade são apenas pressupostos para a existência no mercado. Por essas reflexões, Farias (2011) nos mostra a tentativa de posicionar as Relações Públicas como a função de comunicação mais adequada para atender as demandas que as organizações têm para se adaptarem ao cenário atual de concorrência global que elas enfrentam.

Por fim, apresentamos as reflexões de Schmidt (2011), o qual parece indicar os reflexos desse “novo” pensamento acadêmico, ao influenciar a atuação dos profissionais

8 A obra de Kunsch consultada por Farias (2011), em suas reflexões, é: KUNSCH, Margarida M.K. Planejamento de relações públicas na comunicação integrada. Edição rev., atual. e ampl. São Paulo: Summus. 2003.

9 A obra de Oliveira consultada por Farias (2011) em suas reflexões é: OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças de. Planejamento estratégico – conceitos, metodologias, práticas. São Paulo: Atlas. 2002.

de Relações Públicas no Estado de São Paulo, assim como no país inteiro. O autor traz uma visão mais próxima do mercado profissional de Relações Públicas, pois nos mostra como nas últimas décadas diversas organizações tem percebido e aplicado a atuação planejada e estratégica das Relações Públicas. Em sua obra “Do ponto de vista das Relações Públicas”, o autor trata da idiosincrasia da comunicação e de sua arquitetura, evidenciando que, para atuar neste mercado complexo e lábil, é fulcral a compreensão das mudanças sociais e a adequação das organizações – e dos estudantes e faculdades de Relações Públicas – às exigências sociais emergentes, sobretudo no ventre da necessidade – de tempos em tempos – de uma comunicação de risco bem executada em virtude das redes sociais virtuais; o autor afirma que:

[...] a qualidade do produto foi necessária e representou um passo importante para a evolução da empresa no mercado; a qualidade do processo inseriu a empresa em um mercado concorrente e a qualidade dos recursos humanos - imprescindível e determinante para alcançar objetivos e tornar a empresa competitiva no mercado - colocaram a empresa numa situação privilegiada de qualidade total, mas não numa posição definitiva de sucesso. (SCHMIDT, 2011, p.27).

O autor defende uma formação ampla para que o profissional acompanhe tais tendências contemporâneas de atuação.

À guisa de algumas considerações

O surgimento dos meios de comunicação de massa é um dos principais fatos históricos que proporcionaram a construção do pensamento científico em comunicação, bem como na área de Relações Públicas. Ele proporcionou novas formas de relacionamentos sociais que passaram a ser estudadas pelo domínio científico entre o século XIX e século XX e continuam sendo estudadas até a atualidade.

O saber científico em Relações Públicas viu nascer ao longo da sua história, alguns paradigmas científicos que tentaram explicar suas propriedades e importância para a sociedade, tanto nos EUA como no Brasil. Aqui, essa trajetória foi marcada por distorções e desafios que impediram o reconhecimento do caráter político da atividade e o distanciamento entre a área acadêmica e o mercado profissional.

Diante disso, vemos surgir um “novo” paradigma científico em Relações Públicas que tenta superar essas dificuldades enfrentadas pela atividade no país. Esse paradigma científico fundamenta a atuação profissional de Relações Públicas ao conceito de planejamento, relacionamento e estratégia e nos mostra que diante de um mundo globalizado em que as organizações passam a enfrentar uma concorrência acirrada, a profissão de Relações Públicas pode trabalhar as novas demandas de relacionamentos organizacionais necessários, por meio de um processo comunicativo eficiente, eficaz e perene. Trata-se de um processo comunicacional planejado, com objetivos que são concretizados por determinadas estratégias e que ao final, são avaliadas a fim de se verificar se realmente trazem os resultados esperados.

Tal enfoque possibilita a mensuração das ações de Relações Públicas e o retorno que elas podem proporcionar para as organizações. Seja em atividades gerais de Relações Públicas como nos aponta Farias (2011), ou seja, em ações mais específicas, como na Organização de Eventos, como no nos evidencia Cesca (2008), ou calcadas em uma forma de ver a comunicação no seio da necessidade da construção de relacionamentos duradouros e de vínculos mais permanentes, como defendem Ferrari e França (2009).

Ao final deste artigo sobre o universo bibliográfico e literário das Relações Públicas, pensamos que, realmente estamos diante de um “novo” paradigma para a compreensão da pragmática e da construção de uma “Teoria” das Relações Públicas no Brasil; parece-nos fundamental que coloquemos as funções ligadas à comunicação, tecnologia, trabalho e relações humanas no patamar de necessidade e de valorização, pois comunicar não é brincadeira de criança e fazer Relações Públicas muito menos.

A comunicação é um sintoma de uma inteligência crescente, portanto, parafraseando Wolton (2006) com a globalização das organizações, vem à luz competências indispensáveis em relação à gestão multicultural e desenvolvimento; assim, se a comunicação está em franca expansão e do mesmo modo, a comunicação tem se apropriado da sociedade, falar de Relações Públicas é perceber que sem seu escopo teórico e progresso mercadológico, as organizações sofrerão de um mal desnecessário, já que seu existir reside em uma perspectiva abrangente e complexa que corrobora a ideia de que sua primazia está no equilíbrio dos interesses entre organizações e públicos, e sua permanência na vida social e organizacional calca-se na possibilidade de construir uma sociedade mais justa.

REFERÊNCIAS

CESCA, Cleuza G. Gimenes. **Organização de Eventos** – manual para planejamento e execução. 10 ed. rev e atualizada. São Paulo: Summus. 2008.

FARIAS, Luiz Alberto. Planejamento e estratégia: bases do trabalho em relações públicas. In: _____ (Org.). **Relações Públicas Estratégicas** – técnicas, conceitos e instrumentos. São Paulo: Summus, 2011.

FERNANDES, Backer Ribeiro. História das relações públicas: surgimento e consolidação na América do Sul. In: FARIAS, Luiz Alberto (Org.). **Relações Públicas Estratégicas** – técnicas, conceitos e instrumentos. São Paulo: Summus. 2011.

FORTES, Waldyr Gutierrez. **Relações públicas: processo, funções, tecnologia e estratégias**. 2.ed. São Paulo: Summus, 2003.

GRUNIG, James E.; FERRARI, Maria Aparecida; FRANÇA, Fábio. **Relações Públicas: teoria, contexto e planejamento**. São Caetano do Sul: Difusora, 2009.

GURGEL, João Bosco Serra. **Cronologia da Evolução Histórica das Relações Públicas**. Brasília: Linha Gráfica e Editora, 1985.

HOHLFELDT, A. C. **Os campos das Relações Públicas e das Teorias da Comunicação**. In:

MOURA, C.P & FOSSATTI, N.C. Práticas acadêmicas em Relações Públicas. Ed. Sulina: Porto alegre, 2011.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Relações Públicas e Modernidade: Novos Paradigmas na Comunicação Organizacional**. São Paulo: Summus, 1997.

_____. **Gestão das Relações Públicas na Contemporaneidade e sua Institucionalização Profissional e Acadêmica no Brasil**. In: Revista Brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas – **ORGANICOM**. a. 3, n. 5. São Paulo: ECA-USP, 2006.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Metodologia do Trabalho Científico**. 5 ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas. 2001.

PERUZZO, Círcia Krohling. **Relações Públicas no Modo de Produção Capitalista**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1986.

PINHO, Julio Afonso. **O contexto histórico das Relações Públicas**. Historia Licenciatura. 2011. Disponível em: <http://hid0141.blogspot.com.br/2011/05/o-contexto-historico-das-relacoes.html>. Acesso em: 13 jun. 2012.

SILVA, Sandro Takeshi Munakato. **Teorias da Comunicação e indicações de novas aplicações**. Dissertação de Mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade São Caetano do Sul. São Caetano do Sul. 2011. 121f.

SCHMIDT, Flávio. **Do ponto de vista das Relações Públicas** – razões muito fortes para você atuar no ambiente da comunicação. São Paulo: Sicurezza, 2011.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação**. São Paulo: Paulus, 2006.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aborto 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77

Afetos 69, 70, 73, 74, 76, 77

B

Branding 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 67

C

Cenário Paulista 6, 14, 15, 24

Comunicação de massa 14, 15, 16, 17, 18, 19, 26

Comunicación 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13

Contemporaneidade 28, 70, 95

cultura 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 16, 17, 18, 46, 48, 52, 53, 68, 82

D

Democratic mission 29, 79

Diálogo 5, 6, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 18, 19, 64, 69, 70, 73, 75, 76, 77

Dignidade humana 5

E

Ensino-aprendizagem 82

Ensino em publicidade 54

Entretenimento 6, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 49, 50, 51, 52

Espelho de Avaliação 54, 61, 62, 65

H

Humor 40, 44, 53

I

Interculturalidad 6, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 13

J

Jornalismo 5, 6, 17, 20, 40, 41, 42, 43, 45, 49, 51, 52, 53, 68, 69, 70, 73, 74, 76, 77, 96

L

Língua alemã 78, 80, 81

Língua estrangeira 78, 79, 80, 81, 82

Linguagem 40, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 73, 76, 79, 92, 93

Livros 22, 23, 24

M

Marcas 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 71, 95

Memórias 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76

Migratory crisis 29, 30

Mulheres violentadas 68

N

Notícias 17, 40, 41, 42, 43, 46, 47, 51, 74, 77

O

Outro 15, 22, 41, 44, 45, 47, 51, 59, 64, 73, 74, 75, 91

P

Paradigma 14, 15, 19, 22, 23, 24, 26, 27, 69, 70, 74

Participação 19, 40, 50, 54, 57, 58, 65, 78

R

Redes sociais 6, 26, 40, 43, 45, 46, 48, 51, 53, 64, 95

Relações públicas 6, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 86, 95

Revisão literária 6, 14, 15, 23, 24

Riso 40, 43, 44, 45, 46, 47, 50, 51, 52, 53

S

São Paulo 14, 15, 20, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 52, 53, 66, 67, 68, 69, 77, 93, 94

T

Tarefas Comunicativas 82

Teorias da Comunicação 14, 15, 16, 23, 27, 28, 53

U

UFPEl 78, 82

Unicuritiba 55, 57, 58, 67

W

WhatsApp 47

 **Atena**
Editora

2 0 2 0